

*“a condição para o surgimento de um verdadeiro símbolo  
não é de natureza intelectual, mas afetiva.”  
Ferenczi (1913) - Ontogenese dos Símbolos*



## APRESENTAÇÃO

No mês de setembro deste ano de 2018 completaram-se 13 anos de existência do grupo de pesquisa Os Primórdios da Vida Psíquica – Clínica dos Primeiros Anos. O foco de atenção do grupo sempre se dirigiu ao período inicial da vida psíquica à luz da psicanálise, buscando constituir um campo de investigação e reflexão sobre a atuação do inconsciente na expressividade do comportamento dos bebês e de crianças pequenas em interação com o ambiente.

Constantemente, durante esses anos, nos deparamos com os nossos limites e com a necessidade de estabelecermos uma interlocução da psicanálise com outras áreas de conhecimento do ser humano como a fisiologia, a neurologia e a biologia. Esse universo da ciência investiga como se desenvolvem as estruturas complexas do bebê desde a concepção, durante a vida intrauterina, no período peri e pós-natal e em todo o desenvolvimento mental da criança. Hoje temos profissionais especialistas nessas áreas que se interessam em conversar conosco, enriquecendo nossas pesquisas.

O tema geral deste ano de 2018 dá um destaque ao paradigma da afetividade. Esse tema nos levou a pensar sobre a condição precária na qual um bebê nasce, pois sendo absolutamente dependente, anseia por um atendimento real às suas necessidades fundamentais corporais, sensoriais e emocionais ofertadas pelo íntimo contato humano. Consideramos, então, que o processo de subjetivação no bebê e na criança pequena se efetiva pela aceitação e apropriação de suas experiências compartilhadas com os adultos de seu ambiente. Com Konicheckis (2018), podemos dizer que o sentimento de identidade pessoal se funda, não a partir da representação do objeto, mas da atividade psíquica sensorial.

Nesse universo preponderante da sensorialidade, as experiências vividas no início da vida possibilitam registros que irão fornecer uma espécie de cartografia que permite estabelecer limites, fronteiras, diferenciações entre si e os outros a partir da experiência própria, pessoal, do bebê, mesmo que seja tão múltipla quanto variada.

Portanto, a atividade representativa própria ao bebê, aquela capaz de modificar seus estados psíquicos internos, assenta-se em sensações compartilhadas com o objeto. A ruptura relacional ocorrendo nesse momento fundante deflagra um excesso de sensações que o bebê sozinho não é capaz de metabolizar, e poderá abrir o caminho para o surgimento de diferentes psicopatologias.

Demos o título de “*Narrativas Sensoriais*” a esse número da Revista, cujos artigos destacam alguns elementos centrais dos processos de subjetivação.

O texto de Regina Orth de Aragão aborda as relações entre a sensorialidade e o nascimento dos processos psíquicos, a partir da compreensão de que a atividade psíquica inicial do bebê é estreitamente dependente das suas experiências corporais, vividas no contexto da relação com seu objeto primordial, em geral a mãe. No artigo seguinte, partindo das questões que se apresentam atualmente na clínica sobre as dificuldades do exercício da parentalidade, Maria de Fátima de Amorim Junqueira nos propõe reflexões sobre as possibilidades de resgate de um viver criativo, a partir da relação intersubjetiva entre analista e paciente, enfatizando a importância da sensorialidade e da contra-transferência no interior do processo analítico.

Por seu lado, Ana Elizabeth Botelho Duarte Coelho, partindo do reconhecimento de que o excesso tecnológico pode influir negativamente sobre o desenvolvimento infantil, nos convoca a pensar sobre o desafio de conciliar as necessidades fundamentais do bebê com sua inserção na cultura atual, que privilegia muitas vezes o recurso à tecnologia em detrimento do encontro humano.

E situados no campo da clínica dos primórdios, temos os trabalhos de Débora Regina Unikowski e de Regina Celi Bastos Lima. O primeiro artigo propõe os principais conceitos teóricos que orientam a autora em seu trabalho na clínica psicanalítica da primeira infância. Um caso clínico de uma menina é apresentado para a descrição dessa prática clínica específica. E o artigo de Regina Lima fala sobre uma experiência de onipotência semelhante a um sonho delirante vivida por uma criança bem pequenina, ainda no tempo do reino da completude narcísica. O texto reflete sobre o sofrimento psíquico que envolve o afastamento desse encantamento ao encontrar a realidade, abordando também questões relativas ao encontro com a alteridade, dando destaque ao ressentimento.

Todos os textos até aqui apresentados referem-se, de uma maneira ou de outra, à pergunta fundamental sobre como o bebê é afetado pelo seu ambiente. Mas também, em contrapartida, cabe perguntar como o bebê nos afeta, en-

quanto pais, enquanto profissionais, enquanto adultos em contato com ele. É a essa questão tão instigante que um pediatra, Roberto Cooper, tenta responder com suas “Palavras de um pediatra”, embasado em sua longa prática clínica no encontro com os bebês e seus pais. Partindo da significação etimológica mais imediata do termo afetar, que significa causar efeito em alguém, o autor discorre sobre as inúmeras formas pelas quais os bebês nos afetam.

Assim, ao longo desses textos, vão se bordando as tramas da narrativa que se tece em pequenos detalhes, em nuances, em descobertas, em surpresas, no encontro com o bebê. E encerramos essa breve apresentação com uma frase de Alberto Konicheckis: “O outro e o si se conjugam na formação do si” (2018, p. 87).

## Referência

KONICHECKIS, A. Subjetivação e sensorialidade: os embriões do sentido. In: *Continuidade e descontinuidade no processo de subjetivação do bebê*. Aragão & Zornig (orgs.). São Paulo: Editora Escuta, 2018.